

**Amaral, Carlos E. P. (coord.) *Federalismo em tempos de renacionalização*.
Coimbra: Edições Almedina, 2019, 305 p. ISBN: 978-972-408924-6**

Paulo Vitorino Fontes¹

¹ Universidade dos Açores (UAç) e Universidade de Évora (UE), Ponta Delgada, Açores, Portugal. **E-mail:** pfontes@uevora.pt. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-1443-6820>

Recebido em: 28 jul.2020 | Aceito em: 01 set.2020.

RESUMO

Em tempos de novos nacionalismos e autoritarismos, surge esta obra coletiva, abrangente e interdisciplinar que nos apresenta o federalismo enquanto sistema político capaz de corresponder aos desafios da contemporaneidade. A proposta federal, que é pouco compreendida nos dias de hoje, poderá responder aos novos desafios, tanto a nível interno, na estruturação dos Estados, como a nível externo, europeu e internacional, na configuração de novas comunidades políticas.

Palavras-chave: Federalismo; Estado; Europa.

ABSTRACT

In times of new nationalisms and authoritarianisms, this comprehensive and interdisciplinary collective work presents federalism as a political system capable of corresponding to the challenges of contemporaneity. The federal proposal, which is poorly understood today, will be able to respond to new challenges at both an internal level, in the structuring of States, and an external, European and international one, in the configuration of new political communities.

Key words: Federalism; State; Europe.

Federalismo em Tempos de Renacionalização é resultado da pesquisa de um grupo alargado de especialistas, provenientes de diferentes geografias e áreas disciplinares, que quiseram congregiar seu trabalho em torno de uma das propostas mais promissoras de organização social e política.

A proposta federal continua a ser incompreendida, contestada e relegada para as margens do pensamento político, depois de, ao longo dos séculos, ter sido apresentada como melhor solução para a Europa, no século XXI o federalismo tornou-se algo a evitar. De certa forma, compreende-se a negação da ideologia federal na Europa. Pois, a hegemonia que o continente teve na modernidade, que só perderia na segunda metade do século XX, ficou a dever-se em grande parte à adoção de um modelo alternativo de organização social e política: o modelo de Estado unitário soberano.

Para além disso, o fascínio da renacionalização nunca terá sido tão forte em diversos lugares da Europa. O *Brexit*, as propostas independentistas, na Catalunha, na Escócia e na Flandres, para nos cingirmos apenas àquelas que têm conseguido maior visibilidade internacional, e as reivindicações nacionalistas das extremas direita e esquerda poderão ser apenas as pontas de um enorme iceberg.

Compreender a riqueza do federalismo, mas também submetê-lo ao crivo da análise crítica, avaliando a sua pertinência e o seu valor, é o grande objetivo deste livro e do projeto que o originou. Dividido em quatro capítulos, a riqueza dos contributos permite pensar o vigor e a

atualidade da proposta federal, tanto a nível interno, na estruturação dos Estados, como a nível externo, europeu e internacional, na configuração de novas comunidades políticas.

No primeiro capítulo dedicado à Ideia Federal podemos perceber os diferentes percursos históricos e jurídico-políticos que foram seguidos na Europa, com início no federalismo kantiano como a via necessária para consolidar o ideal de paz. A paz internacional assentaria numa federação internacional na qual os Estados-Membros não perderiam a sua anterior liberdade, o que veio inspirar os defensores da união ibérica na forma federal. Paralelamente surgem os movimentos de unificação italiana e alemã e intensifica-se o debate em torno de diferentes propostas federalistas e entre defensores e antagonistas da utopia ibérica. Para além da disputa ibérica, também é analisada a longa tradição federalista italiana, tanto ao nível do discurso como da prática política.

No segundo capítulo são analisados o federalismo norte-americano e os diferentes significados que este pode ter para a Europa. Percebe-se que a história do federalismo moderno, desenvolvido inicialmente nos EUA e posteriormente também na Europa, tem sido, em grande medida, a luta pelo aprofundamento e o alargamento dos direitos humanos fundamentais. Mas também aqui são explicitadas as diferenças fundamentais entre os dois lados do Atlântico, com destaque para a diferença entre a participação cidadã no federalismo americano, e a sua ausência quase total na construção europeia.

Verificamos que o verdadeiro federalismo tem estado ausente quando se trata de pensar o futuro da Europa. O debate político europeu continua afetado por raízes autoritárias, tendendo a colocar, num processo caricatural inconsciente, a construção de um governo europeu como sendo a geração de um Estado superior. Quando na verdade, a matriz teórica e a experiência prática do federalismo pensam o Estado numa perspetiva essencialmente horizontal, de cooperação entre atores institucionais com responsabilidades diferenciadas mas convergentes, e não numa perspetiva vertical, onde a questão do primado hierárquico contamina todo o processo de tomada de decisão. Num federalismo autêntico, cada unidade política, por mais pequena que fosse, deveria desempenhar a sua parte na produção do resultado final da atividade política. O que culminaria na formação de um verdadeiro governo europeu, com um orçamento consistente e legitimidade democrática assente na deliberação popular.

Poderá o federalismo dos EUA inspirar o processo de construção europeia? Poderá o federalismo ser uma solução para a crise europeia? Será suficiente para reabilitar a sua influência no quadro mundial e promover um futuro comum mais justo e compensador para os povos europeus? São estas questões, transportadas para o terceiro capítulo, com que a União Europeia se confronta, num quadro de imprevisibilidade histórica, marcado por uma crise ambiental, migratória, política com a ascensão dos populismos, e agora, no meio de uma pandemia, que augura uma crise económica sem precedentes.

Os vários autores deste livro não propõem a transposição do modelo americano para o contexto europeu, mas antes a criação de um novo modelo europeu, com que concordamos, acima de tudo, se tivermos em conta que a Europa parte de uma realidade cultural e política

distinta e se encontra em processo federativo há mais de 50 anos, com governação multinível não hierárquica, através de instituições de vocação federal sob a forma de federalismo cooperativo.

Propõe-se um federalismo europeu plurinacional, assente numa soberania complexa. No entanto, este apresenta desafios, relacionados com a convivência de distintos poderes num mesmo espaço público, que podem ser colmatados na articulação com outras propostas teóricas - como o constitucionalismo multinível ou a interconstitucionalidade – que desafiam a experiência federativa da União Europeia em termos jurídico-constitucionais.

Por fim, este rico compêndio reflete sobre uma Europa constituída por ilhas, regiões e nações, e precisamente sobre o papel das ilhas, tanto ao conferirem a dimensão oceânica à Europa, como ao constituírem-se como laboratórios sociopolíticos da construção do federalismo. Em suma, recusa-se o modelo moderno de Estado unitário e, em alternativa, parte-se do reconhecimento do ser e da dignidade específica da pluralidade de entidades sociais e políticas que através do pacto federal, se reúnem numa comunidade política superior, desde a escala regional e infranacional, até à escala nacional, supranacional e europeia.